

SAUDAÇÃO AOS PROFESSORES HONORÁRIOS DO IEA

15 de dezembro de 2014

Sr. Diretor, Prof. Martin Grossmann,
Senhores Professores Honorários,
Colegas, colaboradores e amigos do IEA

Creio que saudar os professores honorários do IEA, tanto os que já partiram e deixaram saudades, como os que felizmente ainda continuam entre nós, é uma condição duplamente honrosa, porque se trata de homenagear um mestre que já recebeu o reconhecimento de honorário. Isto é, trata-se de homenagear pela segunda vez esse professor lembrando a sua condição de excelência e tudo o que ela significa para a universidade e o mundo da ciência.

Não me cabe, nem entraria em minha estrita competência, enumerar os méritos expressos nos currículos dos nossos honorários. Seria repetir o que é de nosso conhecimento como professores da USP, tarefa no caso supérflua e pleonástica. Limito-me a dizer brevemente algumas palavras sobre cada um desses mestres, ressaltando o que, nestes quase 30 anos de vivência no IEA, eles significam para nós como exemplos mais fáceis de admirar do que de imitar.

Quando comecei a frequentar o Instituto, tive a felicidade de contar com a colaboração do Prof. ALBERTO CARVALHO DA SILVA, já então conhecido como eminente fisiologista. Punido pelo Ato Institucional n. 5, que o afastou do Brasil de onde só regressou em 80, foi reintegrado no ICB e, logo depois, alçado à condição de diretor presidente da Fapesp. Pude contar com o seu bom senso quando da elaboração do Código de Ética da USP, redigido ao longo do ano 2000. Da convivência com a sua pessoa o que mais me marcou foi o sentido do tempo que ele demonstrava no mais alto grau. Falo não só do próprio tempo, administrado com sabedoria, mas do tempo alheio, que ele poupava com a mais fina educação. Quando me procurava na diretoria do IEA, recusava-se a sentar, ficando de pé, dizendo só o essencial e pedindo licença para retirar-se alegando que não queria abusar do precioso tempo do diretor. Quem conhece as lides da administração universitária, sabe valorizar devidamente essa discreta delicadeza que nos beneficia e que agradecemos. Ao lado dessa virtude, admirei o seu galhardo estoicismo em face da

doença de que veio a falecer. Sabendo que ele já voltara do hospital e regressara ao seu gabinete no IEA, eu o procurei perguntando o que estava preparando no seu infatigável trabalho. "É hora de me preparar para o pouco da vida que me resta." Isto é: enfrentar de cabeça erguida a fatalidade de todos os seres mortais. Foi a sua última lição. Não pretendo esquecê-la.

Da evocação de uma personalidade comedida e extremamente reservada passo à lembrança de um mestre apaixonado, que não ocultava suas alegrias nem suas mágoas, o tão saudoso Professor AZIZ AB'SABER, mestre dos mestres da Geografia no Brasil. Com ele convivi no IEA intensamente, pois foi a alma de um dos projetos científicos e ecológicos mais notáveis que saíram desta universidade, o Projeto de Reflorestamento, conhecido como Projeto Floram, A esse trabalho dedicamos um número inteiro da Revista Estudos Avançados, e todos temíamos que o projeto não saísse do papel, como sói acontecer com ideias que nascem na universidade, mas não alcançam transformar-se em políticas públicas. Ora, era exatamente esta a maior paixão do Prof. Aziz: converter o conhecimento em prática que, como ele mesmo desejava, devolvesse à sociedade o que esta transfere às instituições de ensino superior. Do convívio com mestre Aziz aprendi algo fundamental para qualquer pesquisador no campo ambiental: tudo o que é feito com amor e seriedade é relevante, não importa a magnitude da escala. É importante deter o desmatamento selvagem da Amazônia, é importante estudar o problema da energia nuclear, mas não menos importante é salvar a cidade e até mesmo o bairro e a rua em que moramos da desenfreada especulação imobiliária que destrói nichos ecológicos e nichos culturais. Foi no cumprimento de um projeto aparentemente modesto, o tombamento do núcleo residencial da Granja Viana, que Aziz Ab'Saber se empenhou, mas felizmente nos deixou antes de receber a notícia de que a solicitação dos moradores do bairro fora simplesmente arquivada. Compartilhei com o professor Aziz, na qualidade de simples cidadão, dos seus sonhos e malogros, da sua capacidade de indignar-se quando necessário, por isso agradeço à diretoria do IEA ter-me dado essa oportunidade de reverenciar a memória de um intelectual que não se pejou de ser militante de múltiplas causas. Um mestre-cidadão, numa palavra.

Falar de militância ambiental aliada à mais avançada pesquisa científica é lembrar imediatamente o nome de PAULO NOGUEIRA NETO, felizmente entre nós e mais ativo do que nunca. Trata-se simplesmente do ícone-símbolo da Ecologia no

Brasil e no cenário internacional, onde vem atuando com destaque. Basta mencionar que o Prof. Paulo Nogueira Neto participou da Comissão Brundtland das Nações Unidas, de 83 a 86, como representante da América Latina. Foi nessa comissão memorável que surgiu, pela primeira vez, a expressão "Desenvolvimento Sustentável", hoje bandeira, ao menos verbal, de todos os empresários e políticos do planeta. Professor Emérito do Instituto de Biologia da USP, também honrou com seu nome o mundo das Humanidades: Paulo Nogueira Neto é membro da Academia Paulista de Letras. Como militante, preside a Associação de Defesa do Meio-Ambiente, Adema-São Paulo. Sendo a batalha ecológica um dos carros-chefes da nossa revista Estudos Avançados, faço votos, como seu editor, para que possamos ser uma tribuna ambientalista sob a orientação do nosso maior inspirador, Paulo Nogueira Neto.

E já que estamos rememorando nossos honorários mediante semelhanças e diferenças de personalidade, é chegado o momento de destacar na figura do Professor Paschoal Ernesto Américo SENISE o ideal do pesquisador em parte solitário, em tudo discreto e silencioso, rigorosamente fiel ao seu laboratório e à sua instituição, o Instituto de Química da USP. Talvez nenhum outro professor desta universidade tenha desempenhado com tanta fidelidade e perseverança a condição de aposentado ativo, de permanente sênior. É uma condição que, a meu ver, deveria ser reconhecida e estendida liberalmente em uma fase de nossa estrutura demográfica, na qual o número de idosos vem crescendo consideravelmente.

Mas devo retificar a impressão de um mestre solitário, que poderá ter produzido esta descrição. Devemos todos à dedicação institucional do Prof. Senise praticamente toda a estrutura da pós-graduação da USP, o que foi uma contribuição inestimável, dado que os regimentos ainda estavam por fazer, e era necessário que uma mente firme, serena e bem articulada se debruçasse sobre a densa teia de problemas que aquela tarefa impunha. Com o mesmo espírito de ordem e disciplina, o Prof. Senise dirigiu por duas vezes o Instituto de Química, gestões que deixaram marcas e saudades.

Do Prof. CRODOWALDO PAVAN, um dos nomes centrais da Genética na universidade brasileira e não só brasileira, dada a ressonância internacional das suas pesquisas, tenho a lembrança viva das suas participações nos debates promovidos

pelo IEA e particularmente nas sessões de lançamento de Estudos Avançados. E é curioso que o Prof. Pavan se apaixonava por problemas variadíssimos, tudo o interessava de perto, mas confessava uma preferência, uma prioridade, quase uma obsessão: o nível de ensino de nossas graduações. Pavan acreditava firmemente nas virtudes de uma educação científica sólida, continuada, coerente, profunda. A convicção de que residia no bom ensino, no bom aprendizado, a chave do progresso de um povo, o futuro de uma nação, Pavan a herdou dos mestres que o precederam, particularmente de Dreyfuss, que ele substituiu quando assumiu a cátedra do Departamento de Biologia Geral da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1952. Fora da educação, não haveria salvação. Creio que, se vivo hoje, ele que nos deixou faz quinze anos, esta continuaria ser a sua bandeira, e muito da sua juvenil indignação encontraria matéria para manifestar-se vivamente.

E já que entramos no universo da pesquisa científica nas áreas limítrofes da Química com a Biologia, os nomes de dois mestres consumados, GEHARD MALNIC e EDUARDO MOACYR KRIEGER vêm imediatamente à tona. Sobre a pessoa e o trabalho do Prof. Malnic, meu companheiro de direção do IEA por tantos anos, falará o seu colega admirador, Prof. Cury, ainda nesta sessão. Mas, caso tivesse recebido essa grata missão, resumiria o que penso do Prof. Malnic nesta única frase: Se não existisse, precisaria ser inventado.

Sobre o Prof. Krieger, não tendo a mínima competência para apreciar como se deve a sua brilhantíssima trajetória científica, ficou-me uma intensa curiosidade de conhecer a fundo a descoberta dos inibidores da enzima conversora da angiotensina, extraídos do veneno da jararaca. Para um leigo, e principalmente um leigo familiarizado com as Humanidades, essa descoberta tem uma conotação filosófica, ou, mais exatamente, platônica, pela qual os opostos de veneno e remédio se reúnem no conceito de *phármakon*. O filósofo o aplicava à linguagem, capaz de causar os maiores males e os maiores bens à humanidade, dependendo do seu uso e dosagem. Em outro contexto, a homeopatia desenvolveu ao longo do tempo a hipótese dos contrários que se combinam no processo da cura, hipótese assinalada na expressão *Similia similibus curantur*, o mal maior se cura com uma dosagem menor. São especulações que, a rigor, passam ao largo da escrupulosa metodologia científica da Fisiologia cardiovascular contemporânea.

Se considerarmos nesta homenagem não só a excelência científica dos professores honorários do IEA, mas também e principalmente o envolvimento com esta instituição, isto é, o empenho para que ela cumpra, de fato, a missão criativa que presidiu à sua fundação, reconhecemos imediatamente as figuras dos Professores José Goldemberg, Carlos Guilherme Mota, Sérgio Mascarenhas e Yvonne Primerano Mascarenhas. Os quatro integram a história do IEA na qualidade respectiva de Reitor Fundador, de Primeiro Diretor, de Coordenador e de Vice-Coordenadora do Pólo do IEA em São Carlos.

Certamente e não por acaso, há um ponto comum nos caminhos universitários que eles escolheram e trilharam: os quatro conseguiram conjugar admiravelmente a sua capacidade intelectual com a energia necessária para enfrentar a corveia administrativa neles aliada à paixão pela difusão do conhecimento. Convenhamos, essa não é uma combinação trivial, pois não é raro que o cientista de laboratório fuja das malhas da burocracia, nem, inversamente, é raro que sejam os medíocres ambiciosos aqueles que mais rapidamente galgam os postos executivos pelos quais passam a vida lutando... Daquela conjugação virtuosa nasceu o IEA por obra da determinação e da clarividência do Prof. Goldemberg, recentemente premiado com o título de Guerreiro da Educação, e que conhecemos há longo tempo como defensor das energias limpas e nosso conselheiro nas lutas contra o uso bélico da energia nuclear.

Dessa mesma conjugação é exemplo meu colega e amigo Prof. CARLOS GUILHERME MOTA, historiador de fôlego, nosso primeiro diretor, e que sempre se caracterizou pela imaginação e pela ousadia nos projetos e nos seus enérgicos pronunciamentos, herdeiro que é da tradição crítica da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa tradição tem servido de parâmetro em toda a carreira intelectual de Carlos Guilherme, e é dela que sempre esperamos uma constante refundação de nossas instituições. Dessa conjugação é também exemplo o Prof. SERGIO MASCARENHAS, físico de renome internacional, do qual me é grato lembrar um gesto generoso: ao ser concedido a um de nós o título de Professor Honorário, coube ao Prof. Sérgio o papel de apresentador do homenageado. Ele, que tantas vezes nos surpreende, daquela vez não deixou de fazê-lo: trouxe à sessão de cerimônia uma estatueta do deus romano Janus, de duas cabeças, uma voltada para frente, outra para trás, e homenageou a pessoa em causa enfatizando a sua relação

cultural com o passado e a sua preocupação com o futuro, com dois olhares opostos mas unidos na mesma divindade. Na verdade, a figura de Janus vale melhor para o próprio Prof. Mascarenhas, homem de excelente cultura letrada,¹ amante das figuras do Renascimento, conhecedor de Rafael e de Leonardo Da Vinci, envolvido em restaurações de obras pictóricas, e, ao mesmo tempo, um apaixonado da tecnologia mais avançada e aplicada à economia brasileira, no caso, da Agricultura e da Agropecuária. O seu nome está indissolivelmente vinculado aos programas da Embrapa. Enfim, dessa mesma conjugação nasceu o trabalho exemplar da Profa. YVONNE PRIMERANO MASCARENHAS, que aliou seus extensos conhecimentos de Física da Matéria Condensada a uma constante ação educacional. Hoje é referência nacional e mereceria internacional o seu projeto de educação científica junto aos estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em São Carlos, experiência que, como editor de Estudos Avançados, gostaria de divulgar mediante testemunho da sua criadora. Devo lembrar o quanto lhe devemos quando orientamos os grupos de trabalho sobre Educação aqui no IEA. Inteligência aguda, sensibilidade feminina ao detalhe, intuição prática, eis as qualidades que pude observar nesses anos de convivência feliz com a sua pessoa.

Para terminar e não esquecer que este que vos fala é, afinal, um estudioso de Letras, desejo reverenciar a figura do maior crítico literário brasileiro vivo, Antonio Candido de Mello e Souza. A rigor, o maior crítico literário em língua portuguesa em qualquer tempo, pois desde o século 19, quando emergiu o estudo histórico das Letras em Portugal e no Brasil independente, nenhum outro estudioso (e os tivemos notáveis como Teófilo Braga, Silvio Romero e José Veríssimo) dominou com tanta mestria a linguagem crítica ancorada em sólida perspectiva histórico-social e um fino gosto que faz de Antonio Candido um escritor inigualável. Hoje, com seus 96 anos de idade, traz no seu currículo a conferência inaugural do Instituto de Estudos Avançados, a respeito do qual sempre disse palavras esperançosas pois, no fundo, via no IEA a possibilidade de recompor o convívio fecundo das ciências da Natureza e da Sociedade, convívio que animou, dos anos 30 aos 60, a história da Faculdade de Filosofia. Era também sua esperança que, fundado nos meados da década de 80, o IEA pudesse ser o lócus de professores aposentados da USP, muitos dos quais compulsoriamente pelos atos discricionários do regime que fazia pouco se extinguira.

Esses votos cumpriram-se em parte, e cabe a cada um de nós e se cumpram de modo completo e permanente.

Termino observando que nesta alocução não separei os vivos e os falecidos em grupos estanques. Falando ora de uns, ora de outros, quis assinalar que, presentes e ausentes, estão todos vivos em nossa memória e na história do Instituto de Estudos Avançados. Agradeço, de novo, à diretoria do IEA, nas pessoas do seu diretor, Prof. Martin Grossmann, e dos membros do Conselho Deliberativo, a oportunidade de evocar nesta sessão os nossos professores honorários.

Alfredo Bosi

(1) Na véspera desta sessão de homenagem aos professores honorários do IEA, o Prof. Sérgio Mascarenhas nos enviou este soneto, mais um exemplo de seu gosto pelas Letras:

SONETO DO SONHO GRANDE

Quero sonhar um grande sonho
mas que seja tão imenso,
que vá além do que hoje proponho,
multiplique destinos dos que agora penso.

Um sonho cuja destinação que agora sinto,
contenha mil não-linearidades,
qual eterno labirinto,
evoluindo em nunca vistas complexidades.

Um sonho assim que o próprio sonhador
não acorde nunca sequer para contá-lo
como o sonhado por perdido amor.

Um sonho estranho de incerta sorte
que dure tanto quanto pra sonhá-lo
não baste a vida, mas transcenda a morte.